

## APRESENTAÇÃO

O volume que aqui se apresenta procurou conglomerar artigos de pesquisadores que tivessem como objetivo apresentar reflexões contemporâneas acerca do fantástico, principalmente no universo da literatura de língua portuguesa. Não foi nossa intenção partir de teorias ou conceitos pré-determinados sobre o fantástico; pelo contrário, buscou-se reunir visões teóricas diversas, demonstrando assim a riqueza e a diversidade dessa área de estudo. Outro aspecto que merece destaque sobre este número temático diz respeito ao fato de que todos os artigos procuraram, cada um a seu modo, extrair da discussão acerca do fantástico algum aspecto crítico que pudesse iluminar a reflexão acerca do real, seja aquele contextual das obras e autores trabalhados ou mesmo o nosso real mais próximo. Não há, pois, leituras apaziguadoras. Feito esse destaque necessário, passemos a uma breve visada sobre os trabalhos.

Curiosamente, os três artigos iniciais convocam para a esfera do fantástico autores tradicionalmente tidos como representantes do chamado realismo, em Portugal e no Brasil, respectivamente Eça de Queirós e Machado de Assis. Em **“A crítica ao homem oitocentista nos folhetins fantásticos de Eça de Queirós”**, Jean Carlos Carniel e Luciene Marie Pavanelo buscam evidenciar em que medida o aspecto do fantástico favorece a construção do teor crítico da sociedade e do homem do século XIX nas narrativas “O milhafre”, “O lume” e “Memórias duma força”, publicados inicialmente no jornal **Gazeta de Portugal** em 1867, e, postumamente, compiladas no volume **Prosas Bárbaras** (1903). O artigo que segue junta à cena fantástica outro celebre escritor de língua portuguesa do dezenove, agora do lado de cá do atlântico. Em **“Espacialidade Gótica e horror em Sem Olhos, de Machado de Assis”**, Renata Philippov analisa o conto “Sem Olhos”, de Machado de Assis, visando compreender como a espacialidade gótica contribui para criar o efeito de horror no presente conto e como este, ao mesmo tempo, acaba por deslocar, pelo viés irônico, certa convenção gótica. Se a ironia marca a apropriação dos aspectos góticos operada por Machado de Assis, é a ironia também que serve de diapasão de leitura no artigo de Patrícia Librenz e Antonio Rediver Guizzo, intitulado **“Os contos insólitos El Outro, de Borges, e Ideias do Canário, de Machado: desconstrução do dogmatismo científico por meio da ironia”**. Neste artigo, os autores dissertam sobre a crítica que pode ser depreendida dos contos de Machado de Assis e de Jorge Luís Borges acerca discurso do conhecimento, tanto o científico quanto o filosófico. Consideradas as distâncias históricas dos dois autores em questão, estabelece-se uma comparação entre ambos a partir do elemento comum do insólito.

O quarto artigo traz a discussão mais para a contemporaneidade, ao investigar o fantástico dentro do universo da literatura infantojuvenil. Em **“Alice no espelho: o recurso ao fantástico na formação de leitores juvenis”**, Alessandra Oliveira dos Santos Beltramim e Mírian Hisae Yaegashi Zappone abordam a obra **Alice no espelho**, de Laura Bergallo, publicada em 2005. Procuram verificar em que medida a obra de Bergallo consegue escapar de possíveis fins didatizantes e moralizantes ao tratar do tema da anorexia utilizando-se dos recursos da literatura fantástica, dentre os quais a estratégia da hesitação e a presença do duplo. Aliás, esse elemento fantástico é justamente o aspecto que guia a análise do artigo seguinte, intitulado **“Tudo o que se ajunta espalha: o duplo em Conversa de Bois, de Guimarães Rosa”**, de Roberto Rossi Menegotto e João Claudio Arendt. Ao analisarem o oitavo conto de **Sagarana**, de Guimarães Rosa, os pesquisadores intentam investigar como

ocorre o processo de criação de um outro da personagem Tiãozinho, para tanto buscam analisar as etapas narrativas que fazem culminar na presença de um duplo desta personagem.

O sexto e sétimo artigos trazem para o debate um autor brasileiro que é incontornável quando se pensa na literatura fantástica em língua portuguesa, Murilo Rubião. Em ***“As flores do mal dos contos de Murilo Rubião”***, Polyana Pires Gomes procura aproximar o escritor brasileiro do poeta epíteto da modernidade, Charles Baudelaire. Por meio do trabalho com a imagem da flor presente nos contos “A casa do girassol vermelho” (1947), “A flor de vidro” (1953) e “Petúnia” (1974), de Murilo Rubião, a pesquisadora busca entender em que medida o trabalho com tais imagens configura um tratamento fantástico à narrativa de Rubião, aproximando-a, em certo sentido, de Baudelaire, mas oferecendo respostas diferentes às questões comuns ao poeta francês. O sétimo artigo, por seu turno, lança seu olhar sobre Murilo Rubião aproximando-o de outra modernidade, não a do século dezanove de Baudelaire, mas uma modernidade mais hodierna, aquela pensada por Zygmunt Bauman. Em seu artigo intitulado ***“A banalização do insólito na modernidade líquida: uma leitura d’O ex-mágico da taberna minhota, de Murilo Rubião”***, Marcela de Castro Ávila Aguiar analisa o fantástico no conto “O ex-mágico da Taberna Minhota” publicado no primeiro livro do autor, ***O ex-mágico*** (1947), e enxerga nele a representação de uma “fluidez identitária”, que seria característica da sociedade líquido-moderna, cuja estrutura é fluida, desordenada e que impede o sujeito de se firmar como agente social.

O oitavo artigo traz novamente para a cena fantástica a literatura portuguesa. Em ***“Uma ponte entre o real e o fantástico: leitura de um conto de Maria Isabel Barreno”***, Marcelo Pacheco Soares propõe uma leitura do conto “A ponte”. Tomando como pressuposto o que dizem as teorias do que chama de fantástico contemporâneo, Marcelo considera que as manifestações desse gênero no século XX tem um poder de agenciar a compreensão dos contextos sociais e políticos do mundo contemporâneo. Visto desse modo, o fantástico passa a ser entendido como uma estratégia de tocar o real. É sob esse prisma que o pesquisador vê o fantástico como um elemento problematizador da realidade portuguesa representada no conto de Barreno, em especial no que toca à herança da ditadura salazarista.

Em ***“A viagem como busca utópica em Não verás país nenhum, de Ignácio de Loyola Brandão”***, Carla dos Santos Meneses Campos e Ramiro Giroldo também exploram o caráter crítico do fantástico e sua possibilidade de penetração nos problemas da realidade, ao investigarem a viagem empreendida pelo protagonista do romance de Loyola Brandão como uma configuração de utopia. Já em ***“Configurações do insólito: o espaço labiríntico em O largo do Mestrevinte (1958), de José J. Veiga”***, Márcia Machado de Lima trata do elemento que já figurou como central na análise do terceiro artigo acima referido, o insólito. Pensando o insólito a partir do trabalho com a espacialidade no conto, em especial em sua relação com a representação dos universos adulto e infantil, o pesquisador busca pensar como o trabalho com os elementos do espaço labiríntico funciona de modo a criar o efeito de transgressão próprio ao fantástico.

Os artigos seguintes, o décimo primeiro e o décimo segundo, pensam a obra de Lygia Fagundes Telles respectivamente a partir do fantástico e do insólito. Em ***“A estética neofantástica no romance As horas nuas, de Lygia Fagundes Telles”***, Kelio Junior Santana Borges empreende o que chama de uma análise estrutural e semântica do universo sobrenatural representado no romance. Para tanto, busca pensar o sobrenatural a partir de uma perspectiva contemporânea, diferenciada daquela construída nos séculos dezoito e dezanove. Utiliza-se, pois, do conceito neofantástico cunhado pelo teórico argentino Jayme Alazraki. Em ***“A representação do milagre em Natal da Barca e o Defunto: diferentes***

**manifestações literárias do insólito**", Ana Márcia Alves Siqueira e Ana Cristina Caminha Viana Lopes realizam uma análise comparativa entre o conto "Natal na barca", de Lygia Fagundes Telles, e "O Defunto", de Eça de Queirós. Mobilizando os conceitos de insólito, fantástico e o maravilhoso cristão, as pesquisadoras procuram demonstrar como acontecem as representações das relações entre vida, morte e fé e, em específico, a presença do "milagre" como elemento da ordem do insólito.

O artigo que dá sequência ao volume retoma novamente a questão da relação entre fantástico e realidade, agora sob a perspectiva da relação com a história. Em "**O histórico e o fantástico em O Mez da Grippe**", Naira de Almeida Nascimento e Rogério Caetano de Almeida pensam a relação entre romance histórico e a literatura fantástica a partir a análise a obra de Valêncio Xavier mencionada no título do artigo. Os autores procuram investigar em que medida essa narrativa de Xavier une características tanto do romance histórico tradicional quanto do fantástico, que são aparentemente excludentes, ao lidar com o registro documental e, ao mesmo tempo, criar uma atmosfera fantasmagórica para a narrativa. O resultado disso é a construção de uma perspectiva crítica acerca do processo de colonização ocorrido na América Latina.

No penúltimo artigo, intitulado "**Inventário da ausência em O rosto, de Amílcar Bettega Barbosa**", Raul da Rocha Colaço e Brenda Carlos de Andrade abordam a questão do insólito no conto de Bettega Barbosa, por meio da análise da condição da ausência como constitutiva do processo de caracterização da personagem protagonista. Por meio de tal análise, amparados por vasto repertório teórico, os autores buscam discutir a questão da ausência e suas relações com o silêncio, o não dito e o os vazios, característicos da obra fantástica. Em vez do duplo, o que se constata no presente conto é a representação da ausência do outro e, em decorrência disso, a dificuldade quanto à construção identitária da personagem.

O artigo que encerra o presente número da revista, "**Neofantástico em Caiu uma estrela na minha sala, de Marcelo Montinho**", procura pensar a obra do escritor carioca a partir do conceito de neofantástico. Os autores Jhennefer Alves Macêdo, Valnikson Viana de Oliveira e Luciane Alves Santos partem da constatação de que a recepção do fantástico na contemporaneidade passa necessariamente por uma modificação de sua natureza, ficando este mais aproximado à interiorização dos temores típicos da modernidade. A partir de uma breve revisão teórica, os autores buscam construir um panorama sobre as principais diferenças que se colocam entre o fantástico tradicional e o chamado neofantástico, intentando verificar como os novos elementos se apresentam no conto "Caiu uma estrela na minha sala", de Marcelo Montinho.

A partir desse breve sobrevoo pelos artigos do presente volume, é de se considerar que o tema do fantástico não deve ser tomado em seu aspecto extemporâneo ou fantasioso, que poderia conduzir a uma literatura alienada e alienante; muito pelo contrário, o conjunto de textos que aqui se apresenta comprova que o tema do fantástico e seus arredores, tal como o insólito, constitui-se como importante lugar de representação capaz de impulsionar discursos críticos dos mais diversos matizes.

**Prof. Dr. Gregório Foganholi Dantas**

Universidade Federal da Grande Dourados

**Prof. Dr. Luís Fernando Prado Telles**

Universidade Federal de São Paulo